



ENTREVISTA



O que você faz com os seus privilégios?

Entrevista com Duda Salabert

Carlos Henrique de Brito FURQUIM, *Universidade Federal de Ouro Preto*

Érica Alessandra Fernandes ANICETO, *Instituto Federal de Minas Gerais*

Gláucia do Carmo XAVIER, *Instituto Federal de Minas Gerais*

Pollyanna Júnia Fernandes Maia REIS, *Instituto Federal de Minas Gerais*



((((AUDIODESCRIÇÃO)))

#PraCegoVer: Entre os membros do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa (GEALI) e dos alunos do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto (IFMG-OP), vemos Duda Salabert, durante a 7ª edição da Jornada do GEALI, em 2018.



Duda Salabert é professora de um colégio particular em Belo Horizonte. Foi a primeira travesti a ser candidata ao Senado no Brasil. Ela se apresenta como professora de Literatura, educadora popular, ambientalista, vegana, ativista pelos direitos humanos e dos animais. É presidenta da ONG Transvest, que oferece cursos gratuitos para travestis e transexuais.

GEALI: Duda, em seu discurso, você cita que a escola, hoje, é um espaço de violência e ódio. Você diz isso com relação aos alunos trans, travestis. Mas você também fala que a escola pode ser plural e emancipada. Então, eu gostaria que você falasse um pouco sobre essa escola que você diz ser um espaço de violência e ódio contra pessoas trans e travestis e também sobre como ela pode ser plural e emancipada.

Duda: Eu acredito que a escola que nós oferecemos, hoje, de modo geral, no Brasil, é uma escola militarizada, uma educação cujos pilares estão no militarismo e a gente percebe essa militarização no modo como se organizam os espaços escolares: professores autoritários, uniformização dos corpos, do pensamento, da identidade, horários rígidos, disciplina, estruturas que lembram quartéis gerais. Essa militarização escolar reproduz uma lógica de privilegiar os privilegiados e excluir os excluídos, e essa educação que é aplicada no país traz um projeto de sociedade que quer, repito, privilegiar os privilegiados e excluir os excluídos. A gente percebe isso, por exemplo, quando vamos olhar, no campo das universidades, no curso de Medicina, por exemplo, em que, segundo os números do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), apenas 2,33% dos alunos formados em Medicina são negros. Quando nós pegamos as exclusões escolares – eu não uso o termo evasão, porque eu acho o termo evasão muito higienizado, já que não há evasão; há, na verdade, um processo de exclusão –, o maior número de pessoas que são excluídas da sala de aula são pessoas transexuais, negras, mulheres, pessoas que estão na base da violência. Inclusive, há poucos números sobre isso, e os números que temos já mostram que não há, de modo geral, uma preocupação em mudar essa estrutura. Por isso, eu acredito que, se a gente pensa em uma escola emancipatória, uma escola calcada no pensamento crítico, é preciso buscar desmilitarizar, cotidianamente, a prática escolar, e isso se dá desde o momento cotidiano, em que professores assumam uma



postura menos autoritária, mais afetuosa, que substituam o militarismo pelo afeto, pelo respeito, como também se dá no debate de um currículo escolar que contemple, de fato, a diversidade.

GEALI: E como contemplar essa diversidade?

Duda: Contemplar, de fato, essa diversidade, significa, por exemplo, no campo da literatura, trazer para a sala de aula autores da negritude, propor um debate da perspectiva feminista, da questão LGBTQI+. Há uma constante produção de literatura *gay* contemporânea no Brasil; a literatura transexual está no início, temos duas antologias trans no Brasil, organizadas pela Amara Moira, ou seja, temos produção, e isso precisa chegar à sala de aula, mas é lógico que nós não podemos culpar o professor e o corpo docente por essa estrutura, pois, por trás dessa violência que há nos espaços escolares, é preciso rediscutir um projeto de sociedade que, de fato, contemple a diversidade, e contemplar a diversidade significa a necessidade de um maior investimento financeiro em educação. É impossível a gente contemplar a diversidade em sala de aula sem trabalhar com maiores investimentos, pois professores enfrentam a situação de uma sala de aula com sessenta alunos, é impossível entender a diversidade que há naquele espaço. Então, a educação é criada, aos moldes que temos no tradicional, para uniformizar e essa uniformização deve ser combatida.

GEALI: Em uma de suas entrevistas você disse que atua em favor da causa educacional há mais de 20 anos. Como candidata ao Senado, uma de suas principais propostas era o perdão da dívida do Financiamento Estudantil (FIES). Você teria algum projeto mais específico relacionado às políticas educacionais voltadas ao público LGBTQ+ nos diversos níveis de ensino?

Duda: Bom, inicialmente, as propostas que a gente levantou eram propostas na campanha para o âmbito do Curso Superior, como, por exemplo, a implementação de cotas para transexuais, que é fundamental. Então, o movimento transexual, como os corpos transexuais estão em grande vulnerabilidade, não conquistou, ainda, a categoria de humanidade; a gente segue a reboque o movimento negro.



O movimento negro tem um histórico secular de resistência, produção intelectual e disputa de políticas públicas. O movimento transexual vem a reboque. Assim, a implementação de cotas é fundamental, porque você não só qualifica as pessoas transexuais, mas insere essas pessoas no mercado de trabalho, em ambientes escolares, e contribui, também, para a formação de professoras transexuais e professores transexuais. Esses corpos em sala de aula já trazem uma diferença simbólica, política, no debate de naturalizar a transexualidade e promover, ainda, o debate sobre a própria diversidade. Agora, no âmbito do Ensino Fundamental, o que passa em relação à transexualidade não foge de outra realidade. Nós temos que inverter a lógica educacional brasileira. Dar maior investimento na educação fundamental, básica, não significa não investir no Ensino Superior; é óbvio que é preciso investir em pesquisa. Isso, também, está ligado à emancipação do país, mas a maior parte do orçamento, uma grande parte do orçamento que vai para o Ensino Superior, deveria ser voltada para o Ensino Fundamental, porque, quando o Brasil prioriza o Ensino Superior em vez de o Ensino Fundamental e Básico, o Brasil está mantendo a lógica de privilegiar os privilegiados e excluir os excluídos, porque só chega ao Ensino Superior as pessoas que já são privilegiadas. Então, para combater a exclusão, combater o preconceito, combater as estruturas odiosas, pressupõe-se um maior investimento do Estado nos ensinos Fundamental e Médio.

GEALI: Muitos estudiosos trazem a questão de que o processo de se tornar sujeito é um processo político, de autonomação e, também, de significação e ressignificação de conceitos. Exemplificando, temos Simone de Beauvoir, com a discussão sobre o tornar-se mulher, Richard Isay, com a discussão sobre o tornar-se *gay*, e Neusa Santos Sousa, com a discussão sobre o tornar-se negro. Muitos autores apontam que, nesse processo inicial de autonomação. O sujeito, muitas vezes, passa por um estágio de luto e depois se autoneomeia de forma positiva, aceitando suas características identitárias e reconhecendo-se em um grupo. Sendo assim, pensando no processo da constituição das identidades, como se constitui o processo de se tornar trans? A nomeação de travesti é destinada apenas para mulheres trans, ou para homens trans também? Como se produz a diferença entre se tornar um homem trans e uma mulher trans? Trata-se de indagações teóricas que, na realidade, dizem mais sobre o processo real da constituição do sujeito do que uma projeção epistemológica sobre os corpos historicamente marginalizados.



Duda: Então, sobre o processo de se tornar trans, posso responder com outra pergunta: como se tornar cisgênero? Eu não sei responder... queria perguntar pra vocês como é tornar-se cisgênero?

GEALI: Parece que é meio dado, né? Imposto pelos atos?

Duda: Porque quando vocês se reconheceram cisgêneros, o problema é que há uma cisnormatividade extremamente violenta e ideologicamente hegemônica que reduz os corpos no discurso biologizante, um discurso genitalizante, e por isso falacioso, porque o ser humano não é composto só por um genital. Também é interessante questionar o significado que a nossa cultura dá para essas genitálias, porém o tornar-se trans, eu não consigo responder sob o ponto de vista existencial, mas consigo responder sob o ponto de vista político. Sob o ponto de vista existencial, é uma pergunta sem resposta, da mesma forma que a questão: “o que é ser humano, quem eu sou?” não tem resposta. Quem eu sou? O que é ser trans? Ser mulher? São processos que vão mudando e se construindo histórica e socialmente. Agora, o tornar-se trans tem um contorno político, subversivo, de desconstruir por inteiro as regras sociais, porque os nossos corpos rasuram esse binarismo violento que quer colocar os corpos em duas caixas que não só reduzem, mas violentam-nos. Então, a partir do momento em que a gente tem o empoderamento, no sentido de subverter completamente a lógica social, e mostrar que essa narrativa hegemônica é uma narrativa falaciosa, que não dá conta da realidade. Quando nós reconhecemos isso, de fato a gente se torna transexual. O transexual passa pelo entendimento de que a narrativa hegemônica é uma narrativa mentirosa. A narrativa da biologia é uma narrativa falaciosa. É entender que o discurso biologizante sempre foi uma mentira. Então, quando nós tomamos conhecimento disso, de fato nós nos reconhecemos como pessoas transexuais e iniciamos a nossa transição. Isso pode se dar desde novo até a vida adulta. E há muita gente que ainda não se reconhece como transexual, porque ainda entende que o discurso da biologia é um discurso verdadeiro, que o discurso da sociedade é um discurso verdadeiro, e não é, tudo são construções, são narrativas.

GEALI: Os processos em um homem trans e uma mulher trans são diferentes?



Duda: São diferentes. Em uma de suas perguntas (feitas)... não existe travesti homem, travesti são só mulheres. Agora...

GEALI: E lá na Transvest só há travestis mulheres?

Duda: Não, lá é feito para pessoas trans. É, em geral. Lá temos mulheres trans, homens trans, pessoas não binárias, mas há poucos homens trans, pois os homens trans estão numa hierarquia de masculinidade, de gênero. E estão no campo do masculino, que é valorizado. Então, os homens trans que aparecem na Transvest, em sua maioria, já eram pessoas privilegiadas, que concluíram segundo grau, tiveram experiências acadêmicas, diferentemente das travestis, porque nós, travestis, subvertemos duas coisas, e por isso somos violentadas: primeiro, a gente subverte o poder do falo, e ao subverter o poder que é dado ao falo, uma vez que não se pode discutir transexualidade com um falocentrismo, pois, na verdade, o falo, para as pessoas transexuais, tem outra dimensão, a dimensão do prazer, não é a dimensão do poder. O meu pênis não é uma dimensão do poder, é uma dimensão do prazer. O falo, enquanto poder, está no campo da masculinidade, e por isso nós somos punidas, nós somos punidas porque nós rejeitamos a masculinidade que nos foi dada e rejeitamos o poder do falo que é dado, e, por rejeitar, somos punidas duas vezes, por isso que é o corpo mais vulnerável que existe e por isso servimos como exemplo. Só não foram exterminadas as transexuais até hoje, completamente, porque, dentro do capitalismo, alguns corpos tem que ser estigmatizados como exemplo daquilo que não se deve ser; então eu carrego tudo aquilo que não se deve ser. Assim, quando você passa para o seu filho que se ele ousar subverter o patriarcado, se ele ousar subverter o poder do falo que tem, ele vai terminar igual aquelas travestis ali, 90% na prostituição, 40% com HIV, 90% sem o segundo grau, expectativa de vida de 35 anos... por isso, só é deixado para as travestis as esquinas, para que sejamos exemplo daquilo que não se deveria ser. E não se deve ousar subverter o patriarcado. Por isso que há essas duas subversões: uma subversão do falocentrismo e a do patriarcado (da masculinidade). E aí é diferente o processo dos homens trans para as mulheres trans, já que os homens trans se inserem numa estrutura de poder. Ainda são corpos vulneráveis. A transexualidade é, no campo de gênero, o mais vulnerável, mas tem



um poder maior, porque está no masculino, os homens trans têm um maior acesso aos espaços de poder.

GEALI: São mais aceitos?

Duda: São mais aceitos, por vários motivos: um deles, por serem homens e o outro é que os homens trans conseguem a passabilidade.

GEALI: Mas se a gente está numa sociedade biologizante, o corpo não tem falo...

Duda: Mas é por isso que são os dois. Eu quis dizer que o falocentrismo de negar esse poder, negar a biologia, a masculinidade, o patriarcado. Então, são processos de negação. Cada negação implica numa violência que esse corpo vai receber. A gente nega também a biologia.

GEALI: Não importa se você tem ou não (o falo), o que importa é se você representa. A questão da hierarquia que estamos questionando... Porque o homem trans não tem o falo. Mas ele carrega o falo. Não é isso?

Duda: O falo é o simbólico. Não é o físico, porque ele não tem o pênis, mas ele carrega a masculinidade que lhe confere poder. Ele não precisa ter o pênis, os próprios objetos sexuais são os que penetram.

GEALI: Sim, sim, é a mesma lógica para os gays. Eles têm, mas não carregam. Um carrega e o outro não (homossexuais). As lésbicas sofrem mais preconceito que os *gays*.

Duda: Sim.



GEALI: Em 2016, você criou o Transvest, um espaço que, por meio da educação, pretende dar a oportunidade a transexuais, travestis e transgêneros de conquistarem uma vaga nas universidades. Você poderia falar um pouco deste projeto?

Duda: A pergunta que me move é: “O que você faz com os seus privilégios?”. Para você responder essa pergunta, tem que saber quais são os seus privilégios. Eu tenho o privilégio de ter curso superior, de ser professora e dar aula em um colégio que me paga bem. E o que eu vou fazer com esses privilégios? Eu poderia viajar uma vez por ano para a Europa. Nada contra quem faça isso, mas nós, professores, queremos ampliar consciências. Então, eu peguei esse meu privilégio e, em vez de ir uma vez por ano para a Europa, aluguei uma salinha e nessa sala planejei dar aulas gratuitas para transexuais. Então, depois da sala alugada, vieram outros professores para dividir privilégios e começamos a criar um pré-vestibular gratuito para elas. Reconfiguramos o espaço com grafites, fileiras mais horizontais, sem horário rígido... é um outro processo pedagógico, com muito, muito afeto. Por essa ONG, nós tivemos algumas aprovações. Quando iniciamos a ONG, no primeiro mês de aula não havia nenhum aluno. Aí nós descobrimos que 91% não havia concluído o Ensino Médio. Então, criamos a EJA (Educação para Jovens e Adultos). Mas também não vieram alunos. Eu vi que EJA é um termo acadêmico, pedagógico; na rua, falam supletivo. Essas pessoas não sabiam o que era EJA; então nós criamos o supletivo. Aí começaram a vir as alunas. Só que elas não tinham o dinheiro da passagem; então, nós, professores, começamos a pagar a passagem, porque não há ajuda do governo. Começamos a ajudar com a passagem e percebemos que elas não tinham o que comer. Começamos a oferecer lanche. E elas vieram. E descobrimos que, das vinte alunas que tínhamos em sala de aula, oito estavam em situação de rua. Como poderíamos dar uma aula para alguém que iria sair dali para dormir na rua? Estava tudo errado. Percebemos que elas vinham, literalmente, para comer o pão que era oferecido no lanche, e para estar em um lugar onde elas não seriam violentadas. E, mais do que isso: todas as alunas que pisam na Transvest recebem, por dia, R\$8,00, que é o dinheiro da passagem. Então, elas vinham para pegar os R\$8,00 e, com esse dinheiro, iam até a rodoviária pagar R\$7,00 para poder tomar banho, porque, tomando banho, elas poderiam fazer um programa por R\$10,00, já que, sem o banho, o programa é R\$2,00, R\$3,00. Quando percebi isso, vi que tomar banho é



um grande privilégio, porque, das vinte alunas, oito não podiam tomar banho. Aí retomei a pergunta: “o que você faz com seus privilégios?”. Assim, eu e os professores nos unimos e alugamos uma casa. Foi a primeira casa de acolhimento de pessoas trans, em situação de rua, de Minas Gerais. E, nessa casa, já passaram 21 travestis. Lá, elas podiam tomar banho, podiam ter onde dormir e aí podiam estudar. Podendo estudar, podiam procurar emprego, e com um emprego, poderiam alugar o seu próprio barraco. Você não imagina a nossa alegria quando as meninas alugam o barraco delas. Nós conseguimos ajudar e mudar a vida daquela pessoa. Dessa forma, tivemos várias aprovações, inclusive, em 2018, tivemos uma aprovação na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Em resumo, a gente pensa que as mudanças devem ser estruturais, mas, quando não é estrutural, um pequeno gesto seu faz muita diferença. Então, essa é a minha lógica. É preciso compartilhar privilégios.

Realização:

